

**A PALAVRA, O TEMPO, O MUNDO E O EU
NA OBRA POÉTICA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE**

Regina Céli Alves da Silva (UFRJ)
reginaceli2011@gmail.com

RESUMO

A leitura da obra poética de Carlos Drummond de Andrade nos provoca um amplo olhar, deslocando-nos de uma visão segmentada do seu fazer literário para nos instigar a vê-lo em conjunto, no qual o *theatrum mundi* é encenado. Assim, a voz poética que se faz ouvir nos poemas de Drummond se apresenta sempre, sob a batuta do tempo, em confronto com um mundo encarnado na palavra. Para acompanhar essa voz, vamos encontrá-la nos primeiros textos de *Alguma Poesia*, publicado em 1930, passando por diversos momentos, até deixá-la, já nos últimos escritos, na eternidade da cena literária. Nosso objetivo, portanto, é refazer o itinerário poético do artista, sublinhando a constante presença em sua obra daquelas referências que nos parecem constituir o cerne de sua escritura: o eu, o mundo, o tempo e a palavra.

Palavras-chave: Palavra, Tempo, Mundo, Eu, Carlos Drummond de Andrade.

1. Introdução

A leitura da obra em versos de Carlos Drummond de Andrade nos provoca amplo olhar, deslocando-nos de uma visão segmentada do seu fazer literário para nos instigar a vê-lo em conjunto, no qual o *theatrum mundi* é encenado. A voz poética que se faz ouvir nos poemas de Drummond se apresenta sempre, sob a batuta do tempo, em confronto com o mundo, conscientemente encarnado na palavra. Para acompanhar essa voz, vamos encontrá-la nos primeiros textos de *Alguma Poesia*, publicado em 1930, passando por diversos momentos, até deixá-la, nos escritos da década de 1980, na eternidade da cena literária.

Nosso objetivo, portanto, é percorrer o itinerário poético do artista, sublinhando a constante presença em sua obra daquelas referências que nos parecem constituir o cerne de sua escritura – o eu, o mundo, o

tempo e a palavra. Esse objetivo se coaduna com nossa vontade de reler e registrar, brevemente, as produções artísticas de grandes autores brasileiros, de forma que o leitor encontre, ao ler nossos textos, uma visão panorâmica das obras em apreço.

Ao iniciarmos essa jornada pela poesia de Drummond, estaremos na companhia de Affonso Romano de Sant’Anna e das reflexões que faz no livro *Carlos Drummond de Andrade: Análise da Obra*. Nesse trabalho, publicado em 1972, embora o autor tenha analisado apenas onze livros de poesia do poeta, na introdução à terceira edição de seu estudo, lançada em 1980, notifica que os livros de Drummond publicados posteriormente reafirmam a análise que fez na pesquisa de 1972.

E reafirmam o quê? O espetáculo do *theatrum mundi*, no qual a vida, pelo tempo regida, é encenada. Vida e tempo são duas imagens recorrentes que atravessam a obra do poeta. O sujeito (*gauche*, de “Poema de sete faces”, o que abre o seu primeiro livro de poesias, *Alguma Poesia*), em confronto com o objeto (mundo) se vê, ao longo do tempo, maior, menor ou igual a ele.

Escolhemos iniciar as ponderações acerca de tal confronto a partir de *Claro Enigma*, publicado em 1951. Pela data, sabemos que o poeta estava quase com cinquenta anos de idade (nasceu em 1902). Esse livro é de maturidade, de um olhar que ganhou experiência e muito aprendeu. Nele, dois poemas, no arremate, sob o título de *A Máquina do Mundo*, vamos apanhar: o de mesmo título, “A máquina do mundo” e o “Relógio do Rosário”.

No poema “A Máquina do Mundo”, o eu lírico declara que estava andando por estrada pedregosa de Minas, num “fecho de tarde”, no qual já ia descendo a escuridão, dos montes e dele próprio, “ser desenganado”, quando, de repente, a máquina do mundo surge e se abre, convidando-o, a ele e a todos os seus sentidos e intuições, a conhecer, a contemplar e a agasalhar tudo aquilo que ele não compreendia e que se lhe mostrava como enigma. De repente, portanto, tudo se “apresentou nesse relance”, porém, ele, o eu do poema, rejeita o que lhe é ofertado.

No poema a seguir, “O relógio do rosário”, quase nos últimos versos, o eu diz que nada é de natureza tão casta

que não macule ou perca sua essência
ao contato furioso da existência”.

Recorrendo ao texto de Affonso Romano, ao examinar os dois poemas citados, o autor lembra que o símbolo da máquina do mundo, visitado por outros muitos artistas, como Camões, por exemplo, em *Os Lusíadas*, ou no *Frei Luís de Sousa*, de Garrett, tal símbolo, tem o significado de uma epifania, ou seja, quando o eu é repentinamente colocado frente a uma aparição, tendo uma percepção súbita, intuitiva, da realidade, a partir de um acontecimento corriqueiro.

De fato, em “A Máquina do Mundo”, esse encontro/confronto com a epifania, com a revelação, se dá entre o eu e a máquina/mundo. E a grande descoberta, segundo nossa visão, é a de que a máquina/mundo também só traz a aparência das coisas. O eu percebe que o mundo é aquele que os seus próprios olhos estabelecem, que tudo o que se procura fora já está dentro.

Juan-David Nasio, psicanalista argentino, na obra *O olhar em psicanálise*, nos oferece uma explicação, que podemos verificar nessa situação vivenciada pelo eu lírico do poema drummondiano. O eu só é capaz de reconhecer imagens nas quais se vê refletido, ou seja, imagens prestantes, aquelas que “de longe ou de perto, reflitam o que ele é essencialmente” (NASIO, 1995, p. 21). Por isso mesmo, a máquina do mundo, que vem dos montes e do próprio ser desenganado, que vem de fora e da própria visão que a reconhece, é tudo aquilo que se apresenta a cada um a partir de seu olhar único e singular.

Esse entendimento em relação ao eu e ao mundo levou o poeta a erguer um “Patrimônio” (poema de “A paixão medida”, 1980) composto, basicamente, de duas riquezas: Minas e o vocábulo. As Minas Gerais, do nascimento e da vida inteira, e as palavras, “reses encantadas”, serão pilares a sustentar o mundo/universo do poeta, jornalista, funcionário público, homem, Carlos Drummond de Andrade.

2. Itinerário poético (ou: O vasto mundo de Drummond)

Com esse patrimônio constrói, de *Alguma Poesia* (1930) a *Farewell* (1996). Nessa construção, acompanhamos, na publicação de 1930, o olhar que contempla suas próprias referências, apresentando-as e apresentando-se como pequenos enigmas a ser confrontados. Lá está a “Infância” (2º poema) do *gauche*, cuja história era mais bonita do que a de Robson Crusóe. E, ainda, é uma história inscrita num país, o Brasil, e em suas cidades (“Lanterna Mágica”), com uma pedra “No meio do cami-

nho”, e igrejas, família, Natal, amores, anjos etc. É interessante perceber que, nesse livro, o primeiro poema, "Poema de sete faces", inicia-se com a figura do anjo,

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser *gauche* na vida.

No poema que encerra o livro, "Poema da purificação", novamente aparece o anjo, ou melhor, os anjos, que tornarão a frequentar muitos outros poemas escritos posteriormente. Essa é uma figuração recorrente que, talvez, possa ser relacionada à sutileza e à delicadeza que inspira, e, ao mesmo tempo, à força, quase carnal, que demonstra. Combinadas, as duas características angelicais permitem estarmos, em sutil contato, tanto com o enigma, que nunca se desfaz e não se apreende, quanto com aquilo que conseguimos ver através das imagens que ressoam dentro de nós.

Continuando o itinerário, em *Brejo das Almas*, de 1934, os tópicos do primeiro livro reaparecem, e todo um cotidiano, das Minas Gerais e do Brasil, com suas personagens, vem habitar o solo poético do poeta. Brejo das Almas, como explica um pequeno texto que precede os poemas, "é um dos municípios mineiros", cujo nome "nada significa e nenhuma justificativa oferece", assim como os 26 poemas que compõem o livro assinalam. São textos que, em maioria, falam sobre o amor, fácil ou dificilmente compreendido, pois

às vezes não sara nunca
às vezes sara amanhã,

como se lê em "O amor bate na aorta". Na última estrofe desse poema, conferimos:

daqui estou vendo o amor
irritado, desapontado,
mas também vejo outras coisas:
vejo corpos, vejo almas
vejo beijos que se beijam
ouço mãos que se conversam
e que viajam sem mapa.
Vejo muitas outras coisas
que não ouso compreender...

Vê, por exemplo, em "Grande homem, pequeno soldado", um indivíduo que, mesmo com o fim da guerra, ainda traz "batalhas dentro do peito", travando um combate pessoal, entre guerras de verdade e brinquedos. E vê, em "O voo sobre as igrejas", as obras de Aleijadinho, ou,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

em "Hino Nacional", o Brasil, que precisamos descobrir, colonizar, educar, louvar, adorar e esquecer, repassando, em resumo, a história do país.

No 3º livro, *Sentimento do Mundo*, de 1940, uma disposição de contar o desencanto de um mundo convulsionado, mais áspero, se agita, acentuando-se nos livros seguintes, *José* (1942) e *A Rosa do Povo* (1945), que demonstram claro compromisso com questões sociais e políticas. Em "Mãos dadas", poema do livro de 1940, anuncia que não será o poeta de um mundo caduco, nem do mundo futuro, pois está preso à vida e o presente é tão grande, e "o tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente". Afinal, dizem os versos de "Os ombros suportam o mundo",

Chegou um tempo em que não adianta morrer.
Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.
A vida apenas, sem mistificação.

Ainda que apareçam, nesse livro, o desencanto e os desconcertos de um mundo que se encontra irado, o poeta, ao olhá-los, sente que a sua matéria é a vida do presente, os homens do seu tempo, e que este deve ser cantado aqui e agora, com todos os seus impasses, individualismos, contrariedades e controvérsias, como anuncia no poema "Mãos dadas".

Mais contundentes são os livros *José* e *A Rosa do Povo*, principalmente o último, empenhados na denúncia forte e radical de época tão conturbada. Afinal, não podemos nos esquecer de que era tempo de guerra, a II Guerra Mundial.

Daí o poema "Nosso tempo" (de *A Rosa do Povo*), inscrever um tempo partido, de homens partidos, de soldados mutilados e de muletas. Mas, de todo esse grito incomodado, desesperado, que não tem armas de verdade que lhe assegurem a revolta, nasce uma flor no asfalto ("A flor e a náusea"), num tempo que é "ainda de fezes".

De *José* (1942), apanhamos dois poemas, "O boi" e "José". No primeiro, a solidão do homem nas ruas das cidades, daquele que vive

entre carros, trens, telefones,
entre gritos, o ermo profundo,

é comparada à do boi no campo imenso, pois a cidade é "inexplicável", e "as casas não têm sentido algum".

Acompanhando o compasso desse caminhar solitário manifestado em "O boi", o poema "José" indaga: "E agora, José?". José também sozinho,

no escuro
qual bicho-do-mato,
sem teogonia,

aonde vai? Observa-se uma ênfase, em *José*, da solidão vivenciada na cidade grande, tanto que "A bruxa", primeiro poema do livro, inicia-se com os versos

Nesta cidade do Rio,
de dois milhões de habitantes,
estou sozinho no quarto,
estou sozinho na América.

Essa solidão se espalha, da cidade grande para Minas, indo encontrar, em Itabira, de "Viagem na família", poema que encerra o livro, feito de memórias e silêncios, um espaço que, embora pareça vazio, está pleno de vida, pois

No deserto de Itabira
as coisas voltam a existir,
irrespiráveis e súbitas.

No livro *A Rosa do Povo*, as interrogações sem respostas revelam "O medo" e a morte injusta ("Morte do leiteiro"), a desigualdade e a indiferença. Dedicado a Antonio Candido, o poema "O medo" refere-se a texto desse autor, professor e crítico, no qual fala do medo sentido por uma geração. Por isso, os versos de Drummond registram

O medo, com sua física,
tanto produz: carcereiros,
edifícios, escritores,
este poema: outras vidas.

E, também, pelo medo, um inocente leiteiro foi morto, porque um homem, acordando assustado, pensando ser mais um dos ladrões que "infestam o bairro",

não quis saber de mais nada.
O revólver da gaveta
saltou para sua mão ("Morte do leiteiro").

Contudo, em "Como um presente", a vida, mesmo no escuro, ainda tem permissão para sorrir. A mesma vida que teima em pulsar, ainda que seja numa "Carta a Stalingrado", ou num "Telegrama de Moscou", e, até mesmo, na "Visão 1944"; a vida que homenageia amigos e artistas, como em "Mário de Andrade desce aos infernos" e "Canto ao homem do povo Charles Chaplin".

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

De 1948, *Novos poemas* é composto por doze poemas, nos quais já não mais o medo e as atrocidades anteriormente citadas dão o tom. Parece mesmo que, nesse livro, como sinaliza o primeiro texto, "Canção amiga", o poeta prepara o que vem a seguir, *Claro enigma*. Assim, dizem os versos de "Canção amiga",

Eu preparo uma canção
que faça acordar os homens
e adormecer as crianças.

No último texto do livro, "O enigma", faz novamente rolar as pedras no caminho, no qual "a coisa interceptante não se resolve. Barra o caminho e medita, obscura", afinal, "pensar a ameaça não é removê-la; é criá-la". E é isso o que faz em, *Claro Enigma*, o próximo livro (1951), no qual a oferta da máquina do mundo é recusada. Recusa a "total explicação da vida", não para removê-la, mas para criá-la.

E continua exercitando tal aprendizado, em *Fazendeiro do Ar e A Vida Passada a Limpo* (1954). Nesses livros, revê temas já visitados, lugares, amigos, poetas, artistas, mulheres, amores. Cria e recria o mundo, seu próprio universo, entendendo, ao final de "A um hotel em demolição", do livro *A Vida Passada a Limpo*:

Estou comprometido para sempre
eu que moro e desmoro há tantos anos
o Grande Hotel do Mundo sem gerência
em que nada existindo de concreto
– avenida, avenida – tenazmente
de mim mesmo sou hóspede secreto. (p. 359)

Eis as *Lições de Coisas*, livro publicado em 1962. Neste, divido em dez partes, o poeta faz uma espécie de tábua de mandamentos do seu vasto mundo poético, dando título a cada uma das partes que o compõem. Vale enunciá-las: origem, memória, ato, lavra, companhia, cidade, ser, mundo, palavra, 4 poemas. Passeia, como sugerem os títulos, pelos caminhos já percorridos, tentando refletir, em dez lições, sobre a existência real e a existência na palavra. Nos quatro poemas da última parte, observa, em "Cerâmica", que

Os cacos da vida, colados, formam uma estranha xícara.
Sem uso,
ela nos espia do aparador.

Com isso faz uma "Descoberta":

O dente morde a fruta envenenada
a fruta morde o dente envenenado
o veneno morde a fruta e morde o dente
o dente, se mordendo, já descobre
a polpa deliciosíssima do nada.

Dessa "polpa deliciosíssima do nada", cria *A Falta que Ama* (1968). No poema "O Deus mal informado", reafirma:

Mas a estrada que parte, se milparte,
a seta não aponta
destino algum, e o traço ausente
ao homem torna homem, novamente

Em "Qualquer tempo", afirma que

Qualquer tempo é tempo.
A hora mesma da morte
é hora de nascer.

Nenhum tempo é tempo
bastante para a ciência
de ver, rever.

Tempo, contratempo
anulam-se, mas o sonho
resta, de viver.

Como vimos mostrando até aqui, percebe-se, no percurso da poesia drummondiana, insistente ênfase na relação do eu com o mundo. Nessa relação inscrita no tempo, a vida acontece, perpetuando-se, num ciclo eterno de nascimentos e mortes, no qual os enigmas se oferecem, continuamente...

Daí, em *As impurezas do branco* (1973), fazer uma "Confissão", dizendo que

É certo que me repito,
é certo que me refuto
e que, decidido, hesito
no entra-e-sai de um minuto.

É certo que irresoluto
entre o velho e o novo rito,
atiro à cesta o absoluto
como inútil papelito.

Sem absoluto, nem verdades, enfrenta a "Parolagem da vida", poema em que as mudanças existenciais são proclamadas, reafirmando o continuum anunciado acima. Conferimos os versos:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Como a vida muda
como a vida é muda
como a vida é nuda
como a vida é nada
como a vida é tudo.

Entre o nada e o tudo, a vida se faz, por escolhas do que fica e do que sai. O poema "Memória", do livro *Claro Enigma*, registra, na última estrofe –

Mas as coisas findas,
muito mais que lindas,
essas ficarão.

E o que ficou, tanto da vida quanto da obra do poeta, segue celebrado em *Boitempo I* (1968), *Boitempo II* (*Menino Antigo* – 1973) e *Boitempo III* (*Esquecer para Lembrar* – 1979), nos quais as memórias são, enfaticamente, tratadas, não como cacos colados de uma xícara a nos olhar, imóvel, do aparador, mas como movimento, no qual as mudanças não vêm substituir algo que existiu. Nesses livros, Drummond fala das permanências, ou seja, daquilo que ficou e ainda repercute, interna e externamente, no fluxo da vida.

Dividido em nove partes, *Boitempo I* reúne os poemas, dando títulos a cada uma - Caminhar de costas; Vida paroquial; Morar; Bota e espora; Notícias do clã; Um; Percepções; Relações humanas; Outras serras. Introduzindo as partes, como uma espécie de epígrafe, "(In) Memória", poema de três estrofes, de seis versos cada, assinala, na primeira estrofe, aspectos da memória.

De cacos, de buracos
de hiatos e de vácuos
de elipses, psius
faz-se, desfaz-se, faz-se
uma incorpórea face,
resumo de existido.

Ao observarmos os títulos que encabeçam cada uma das divisões de *Boitempo I*, verificamos que o tal "resumo do existido", a memória, feita, desfeita, feita novamente, em cacos, buracos, hiatos, vácuos, de acontecimentos, sentimentos, sensações, oferta-nos um retrato sem cara definida, sem um todo, fragmentado,

onde é tudo moído
no almofariz do ouro.

E, mesmo falando sobre a guerra, celebra a vida, e, por conseguinte, a vontade e a necessidade de retomá-la pela memória, como no poema "1914", no qual

A vida é sempre igual
a si mesma a si sempre
mesmo quando o correio
traz na mala amarela
esse enxofre de guerra
estranha guerra estranha
que não muda o lugar de uma besta de carga
dormindo entre cem bestas
no rancho do Monteiro;

...

A guerra, com seus horrores, e seu forte aroma de enxofre, mortal, trazida como notícia pelo carteiro, parece longínqua, e, por isso, incapaz de afetar o cotidiano daquelas terras onde nada parecido acontecia.

Boitempo II (Menino antigo), também está dividido em partes, quatro, desta vez. Sob os títulos, Pretérito mais-que-perfeito; Fazenda dos doze vinténs ou do Pontal; Repertório urbano; O Pequeno e os Grandes, são pessoas, animais, lugares das Minas Gerais, igrejas, política, correio, jornais, notícias de longe e de perto, família que vêm habitar as páginas, reconstituindo, ainda mais uma vez, o trajeto sempre percorrido. Entre todos os poemas, um gosto que fica, apenas na memória, vale uma "Antologia". Neste poema, os sabores das frutas, que só na infância somos capazes de sentir, estão guardados. Gabiroba, jambo, araticum, aracá, ananás, bacupari, jatobá,

cada fruta, cada gosto
no sentimento composto
das frutas todas do mato
que levo na minha boca
tal qual me levasse o mato.

Os sentidos aguçados pelo contato com as frutas fazem com que a cena finita seja, infinitamente, encarnada na memória, cujo trabalho pode ser comparado ao "ofício religioso" do correio, continuamente, trazendo e levando notícias.

Boitempo III tem, como *Boitempo I*, nove divisões - Bens de raiz, Fazenda dos Doze Vinténs ou do Pontal e Terras em redor, Morar nesta casa, Notícias de Clã, O menino e os grandes, Repertório urbano, Primeiro colégio, Fria Friburgo, Mocidade solta. Como se pode observar, o poeta recupera nesse livro alguns títulos que compõem os outros dois, *Boi-*

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

tempo I e Boitempo II. Como epígrafe ao terceiro livro da trilogia Boitempo, escreve "Intimação". Em forma de diálogo, apenas quatro linhas explicam:

- Você deve calar urgentemente as lembranças bobocas de menino.
- Impossível. Eu conto o meu presente.

Com volúpia voltei a ser menino.

A leitura desse livro nos envia, mais uma vez, ao tempo da infância, mas também ao da juventude. Novamente, pessoas, animais, lugares, sentimentos, emoções são visitados, e, parece mesmo que, voluptuosamente, a presença do menino se eterniza, quando conta, por exemplo, no poema "Brincar na rua", que falta dia para as brincadeiras.

Tarde?
O dia dura menos que um dia.
O corpo ainda não parou de brincar
e já estão chamando da janela:
É tarde.

Ouçõ sempre este som: é tarde, tarde.
A noite chega de manhã?
Só existe a noite e seu sereno?

O mundo não é mais, depois das cinco?
É tarde.
A sombra me proíbe.
Amanhã, a mesma coisa.
Sempre tarde antes de ser tarde.

Essas sensações que atingem o menino do poema, na verdade não são só dele, pois, na empresa de ser criança, quem nunca se deparou com o impositivo "é tarde"? Param todas as brincadeiras, e um sentimento de frustração, e muitas vezes, de revolta, assalta os meninos, obrigados que são a sair, obedientes, do gozo em que estavam para voltar para a casa e para a rotina que os espera, roubando-lhes, muitas vezes, os melhores momentos da diversão. Mas, vem "O melhor dos tempos", nos quais

Bailes, bailes, bailes
em nossa belle époque.
...
Tudo é mimo, graça.

Também vem o tempo da escola, em que o juvenzinho é obrigado a deixar a casa do pai, e ir estudar longe da sua terra. Depois disso, a mocidade, os namoros, as dificuldades amorosas, o trabalho. Nessa trama de

tempos e espaços, fundem-se atos e sentidos, cujas marcas ficaram registradas no eterno presente poético de Drummond.

Para não nos alongarmos muito além do que o próprio espaço nos permite, concluiremos essa pequena apresentação, citando apenas mais um dos livros do poeta, *A Paixão Medida* (1980). Nos dois primeiros poemas, "A folha" e "A suposta existência", aquela compreensão acerca dos enigmas, tão bem cantada em "A máquina do mundo", volta à cena, confirmando o que antes dissera. Recolhemos, de "A folha", na estrofe inicial,

A natureza são duas.
Uma,
tal qual se sabe a si mesma.
Outra, a que vemos. Mas vemos?
Ou é a ilusão das coisas?

De "A suposta existência", apanhamos,

Como é o lugar
quando ninguém passa por ele?
Existem as coisas sem ser vistas?

A percepção e aprendizado demonstrados em "A máquina do mundo" reaviva-se, reforçando o que já dissera. Ou seja, aquilo que vemos e vivemos, só tem sentido quando lhes atribuímos um, de acordo com as referências que carregamos. São as tais imagens pregnantes, das quais o psicanalista citado fala. E, com elas, construímos nossos próprios mundos porque, afinal, como dizem os versos de "Ante um nu de branco", "Cada corpo é uma escrita diferente".

Do poema "Igual-Desigual", no arremate, ficam os versos:

Ninguém é igual a ninguém.
Todo ser humano é um estranho
ímpar.

Entretanto, no início do mesmo poema, os versos anunciam diferente movimento, dizendo que

Todas as guerras do mundo são iguais.
Todas as fomes são iguais.
Todos os amores, iguais, iguais, iguais.
Iguais todos os rompimentos.

O Igual-Desigual do título postula que há sim muitas coisas iguais e são essas que permitem que os textos de Drummond não fiquem circunscritos ao seu mundo, fechados sobre si mesmos. Por isso, apesar das

diferenças existentes de ser para ser, e de cada um para consigo mesmo, é possível compor um diálogo com as muitas outras vozes que leem esses textos, tornando-os parte de um universo infinito.

Como já dissemos, não poderíamos fazer, mesmo breve, uma visita completa à imensa obra em verso deixada por Drummond. Portanto, belíssimos exemplares ficaram de fora de nosso itinerário. É o caso, por exemplo, de *Amar se aprende amando*, de 1985, no qual não fala só de amor, mas o evidencia no título, afinal, o amor também é tema bastante recorrente em sua obra. Ou, ainda, *Farewell*, que, publicado postumamente, em 1996, deixara pronto, fazendo nele uma espécie de despedida poética e existencial.

Enfim, por todos os livros de poesia, incluindo os que não foram abordados, Drummond dá continuidade àquele confronto do eu com o mundo, de que falamos no início, sublinhando a vida e o tempo como referências fundamentais. A vida de mulheres e homens comuns, a vida do indivíduo criador de poemas, e o sentido do tempo, que a tudo e a todos envolve, num ensaio multifacetado de sentimentos de um povo e de uma cultura, a brasileira, com suas variadas peculiaridades.

Dando forma a tudo isso, a palavra, as palavras mágicas capazes de criar, sempre lembradas, “Patrimônio” do poeta, pois perpetradoras do seu vasto mundo.

3. *O universo em palavras*

Voltando ao início, a *Alguma Poesia*, os famosos versos de "Poema de sete faces", nos informam:

Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.

Tão vasto é o coração, que não poderia caber em rimas, precisava ser livre, como os versos que construiu. Afinal, como diz no poema "Explicação", "Meu verso é minha consolação".

"O lutador", poema de *José*, anuncia que

Lutar com palavras
é a luta mais vã.
Entanto lutamos

mal rompe a manhã.
São muitas, eu pouco.
Algumas, tão fortes
como um javali.

Ao desafio oferecido pelas palavras, o poeta, aceitando o combate, resiste e persiste, mostrando plena consciência de que transformar o pluridimensional (da realidade) no unidimensional (palavra), embora não, ainda assim, merece luta.

Em *A Rosa do Povo*, "Consideração do poema" é texto que diz que

As palavras não nascem amarradas
elas saltam, se beijam, se dissolvem,
no céu livre por vezes um desenho,
são puras, largas, autênticas, indevassáveis.

No poema, "Procura da poesia", o eu, imperativo, afirma, num primeiro movimento, como os versos, os poemas não devem ser feitos, e, num segundo movimento, o que deve ser feito. Deve-se, portanto, penetrar "surdamente no reino das palavras", pois é lá que se encontram os poemas que esperam ser escritos. Ou seja, para escrever o poema é preciso penetrar no reino das palavras, ainda que estas sejam indevassáveis.

A insistente referência às palavras, ao longo de toda a sua produção poética, da qual citamos alguns momentos, coaduna-se com a consciência da linguagem que caracteriza a literatura moderna, isto é, aquela que, desde meados do século XIX, ganhou força. E os movimentos literários, modernistas/vanguardistas trouxeram, no núcleo de suas propostas, o desenvolvimento de tal consciência, solicitando, programaticamente, como o fez Mario de Andrade no Brasil, o direito à experimentação constante, à pesquisa estética.

Não poderia ser diferente, uma vez que o artista, nascido em 1902, acompanhou as mudanças surgidas no horizonte literário brasileiro trazidas pelos modernistas de 1922. Por essa época, Drummond, com 20 anos, residente em Belo Horizonte, iniciando carreira como jornalista e convivendo com poetas e escritores, recebia, da revista *Novella Mineira*, um prêmio em dinheiro pelo conto *Joaquim do Telhado*. Isso mostra como, desde muito jovem, o poeta já estava envolvido com as Letras nacionais, produzindo textos cujo valor a premiação não esconde.

Portanto, mesmo que não diretamente presente, o poeta acompanhou as inquietações daqueles artistas que levaram a cabo a Semana de

Arte Moderna, bem como, por seu estreito vínculo com a literatura, esteve em sintonia com as várias vozes que se espalhavam pelo país, reivindicando novos rumos para as artes, buscando afastá-las de uma tradição acadêmica, que julgavam não expressar a realidade do país como um todo.

O verso livre, por exemplo, do qual os modernistas não abriam mão, compôs o tecido poético drummondiano, desde seu primeiro livro. E, se no início de sua produção, Drummond assinou compromisso com tais propostas, nunca as deixou de lado, uma vez que, em toda a sua obra, desenvolve diferentes, e particulares, técnicas de escrita, demonstrando sua insistente e incessante aplicação à pesquisa estética. Nessa busca, revisita os clássicos e os reinventa; aproxima-se da prosa, apossando-se da língua, para trabalhar-lhe as potencialidades; reaproveita formas populares; dialoga com o texto dramático etc.

Se, a princípio, em *Alguma Poesia* e *Brejo das Almas*, é antitradicionalista, muito próximo mesmo das tendências literárias modernistas, à frente, sem abandoná-las, experimenta as diversas formas fixas, por exemplo, tais como, sonetos, elegias, madrigais, etc., sempre redimensionando-as e conferindo-lhes o seu arranjo pessoal e singular.

Fazendeiro do Ar e *A Vida Passada a Limpo* são livros nos quais o autor exercitou bastante a forma soneto. Dos vinte títulos que constituem o primeiro, onze são sonetos, enquanto, no segundo, dos vinte e um títulos, seis o são. Todavia, ao lado dos textos de forma fixa, circulam outros, com ritmos e tratamentos estéticos diferentes e, até, contrastantes, tais são as diferenças apresentadas entre eles.

Inventando novos ritmos, a cada livro, a cada poema, o poeta lançou mão dos mais variados recursos estilísticos para construir o seu original mundo poético. A repetição, muitas vezes por ele usada, como mostra o famoso poema "No meio do caminho", é apenas um dos processos rítmicos que utiliza para dar cadência e sentido ao texto. No poema citado, composto por duas estrofes, sendo a primeira de quatro versos, e a segunda, de seis, oito versos repetem-se, e somente dois, na segunda estrofe, diferem-se dos demais. Porém, a repetição que constatamos no poema, em vez de oferecer uma ideia de parada, de algo estático, imóvel como uma pedra, ao contrário, mostra um caráter dinâmico, de movimento, que atravessa esse e tantos outros textos de Drummond.

Esse caráter, aliás, que se verifica no recurso da repetição, vai ao encontro do que dissemos linhas atrás, ou seja, de que a obra desse autor

se desenvolve como um contínuo fazer, no qual os temas, sempre revisitados, não cessam de reaparecer. E, a cada vez que são retomados, uma nova visão os acolhe, ou, pelo menos, um pequeno e novo detalhe surge, revestindo-a daquele eterno presente de que o artista tanto fala, tempo em que tudo está se fazendo.

A batalha com a palavra recebe aliados fortes, através dos variados arranjos poéticos, dos quais Drummond soube genialmente se aproximar para, com eles, emprestar aos seus inúmeros textos, os matizes almejados. Dessa forma, tanto o discurso coloquial quanto o procedimento dialogal, e, às vezes, um pouco do clássico, da tradição mais formal, vão permitir, que as visões lançadas sobre o mundo e as relações com ele estabelecidas ganhem contornos regionais, nacionais, subjetivos, objetivos, sem que, no entanto, em qualquer que seja o registro, se configure como mundo fechado, ainda que singular.

Apropriando-nos de um título de Alexandre Koyré, *Do Mundo Fechado ao Universo Infinito*, comparamos a obra de Drummond a ele, pois, segundo nossa visão, o poeta, apesar de, em grande parte dos textos produzidos, se remeter a temas, lugares, pessoas, sentimentos, emoções, sentidos muito particulares, não constrói um pequeno e fechado mundo, girando em torno de si mesmo. Ao contrário, como tentamos mostrar, por exemplo, citando o poema "Brincar na rua", o menino que se recente de ser interrompido em suas brincadeiras está em muitos outros meninos (as). Há mesmo, nessa conduta criativa do poeta, uma ampla carga de generosidade.

4. Conclusão

Muito ainda teríamos a dizer sobre a obra de Drummond e seus processos de criação, no entanto, além de não termos espaço para tal imensa tarefa, também não era nosso objetivo fazê-lo. Como observamos, segundo nossa leitura, é uma obra que, continuamente, refazendo itinerários, revisitando temas, acrescentando novas cenas, dá a ver o confronto travado pelo eu em diálogo com o mundo. Nesse confronto, percebe que são muitos os enigmas a enfrentar, mas estes vão depender do olhar único de cada um, e, com essa compreensão, acontece a grande revelação, permitindo um valioso aprendizado. Aprende que os enigmas dependem muito mais de uma visão interna do que de uma voz externa a explicá-los.

Com tal conhecimento, entende que a vida, composta das mais variadas nuances, se dá sempre num tempo presente, pois o que está atrás, no passado, ou o que está à frente, no futuro, ressoa incessantemente em cada momento em que é vivida. Por isso, as repetições, que caracterizam o processo poético de Drummond, tanto na sua composição formal quanto nos assuntos sempre retomados, não trazem um acento monótono e repetitivo aos textos. Ao contrário, possibilitam a eles um dinamismo, que mostra a vida em contínuo movimento, como dizem os versos, "faz-se, desfaz-se, faz-se", do poema "*In Memória*".

Notemos que os versos não dizem "faz-se, desfaz-se, refaz-se", porque, se assim fossem, dariam margem à percepção de que, no refazer-se, haveria na ação um forte apelo à repetição tal qual, paralisada no tempo. Por outro lado, sendo, "faz-se, desfaz-se, faz-se", sinalizam que, após se fazer e desfazer, uma nova situação se faz, não a mesma, repetida, mas uma outra, que não deixa de trazer em si o que já havia antes. Nesse compasso, a vida se dá num eterno presente, tempo no qual as ações estão em contínuo processo de construção.

De alguma forma, desde os primeiros livros, essa noção, ainda que não totalmente consciente, já se anunciava, sendo, posteriormente, aprendida e exercitada. A consciência plena, crítica, notamos, esta sim, desde o início, em relação à linguagem, às palavras. São elas que darão à luz todo o universo poético, e, por isso, recebem total atenção, sendo, a cada passo do trajeto, lembradas. Da dificuldade de domesticá-las para fazer com que permitam o nascimento da escritura, surge um árduo (mas também prazeroso) combate.

Essa luta travada com as palavras possibilita-nos enxergar a enorme riqueza do acervo poético de Drummond. Para auxiliá-lo, apoderou-se de muitos e distintos recursos linguísticos, mostrando, com isso, enorme habilidade de composição e sensibilidade estética ímpar. Tal sensibilidade e tal habilidade permitiram-lhe o namoro com inúmeras formas e gêneros, passando pela poesia, a prosa e o diálogo dramático, de diferentes tempos e espaços. Sendo assim, os clássicos revisitados dialogam com o moderno; o nacional e o regional afinam-se com o universal; o coloquial e o popular não destoam do "padrão culto".

Com certeza, nesse labor estético, Drummond afina-se com a modernidade artística, mas, nela, o poeta não foi apenas mais uma voz, ele foi, sim, a voz, que, cantando o seu trecho, celebrou a vida, e juntou-se ao conjunto do coro universal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova reunião*: 19 livros de poesia. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Amar se aprende amando*. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 1986.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Farewell*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

NASIO, Juan-David. *O olhar em psicanálise*. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Carlos Drummond de Andrade*: análise da obra. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.